
“EN EL CORAZÓN DE SUS CONCIUDADANOS”: A REVOLUÇÃO DE MAIO E A TRAJETÓRIA DE SEUS LÍDERES NA PRODUÇÃO DO HISTORIADOR JESUÍTA GUILLERMO FURLONG

“EN EL CORAZÓN DE SUS CONCIUDADANOS”: THE MAY REVOLUTION AND THE JOURNEY OF YOUR LEADERS IN THE PRODUCTION OF THE JESUIT HISTORIAN GUILLERMO FURLONG

Mariana Schossler
Mestranda em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
marianaschossler@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar o tema de meu projeto de Dissertação, orientado pela Profª Drª Eliane Cristina Deckmann Fleck, e que propõe analisar as obras *Belgrano: el santo de la espada y de la pluma* (1974) e *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), de Guillermo Furlong SJ, inserindo-as em seus respectivos contextos de produção e vinculando-as a um processo de construção de uma memória sobre a *Revolução de Maio*, ocorrida em 1810, na Argentina. Sendo este meu primeiro semestre de inserção no PPG em História da Unisinos, enfocarei, neste texto, a trajetória do historiador argentino, bem como suas relações com a historiografia leiga da época e suas motivações para a escrita das biografias que tem como tema os próceres da Revolução de Maio.

PALAVRAS CHAVE: Próceres da Revolução de Maio. Guillermo Furlong. História Intelectual.

ABSTRACT: This paper aims to present the topic of my dissertation project, directed by Prof. Dr. Eliane Cristina Deckmann Fleck, and proposes to examine the works *Belgrano: el santo de la espada y de la pluma* (1974) e *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), of Guillermo Furlong SJ, placing them in their respective contexts of production and linking them to a process of building a memory of the May Revolution, which occurred in 1810 in Argentina. This being my first semester of participation in PPG in History Unisinos, I will focus, in this paper, the trajectory of the Argentine historian as well as its relations with the secular history of the age and his motivations for writing the biographies which has the theme of the grandees May Revolution.

KEYWORDS: Leaders of the May Revolution. Guillermo Furlong. Intellectual History.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a produção do historiador argentino Guillermo Furlong SJ acerca dos líderes da Revolução de Maio de 1810, que deu início ao

processo de independência da Argentina. A investigação, aqui apresentada, contempla meu projeto de Dissertação de Mestrado, que venho desenvolvendo desde março de 2014, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Da produção de Furlong sobre a temática em questão, selecionei duas biografias escritas na década de setenta do século XX. A primeira, *Belgrano: el santo de la espada y de la pluma* (1974) e, a segunda, *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), são dedicadas, respectivamente, a Manuel Belgrano* e a Cornelio Saavedra**. A análise que pretendo realizar considerará os seus respectivos contextos de produção, vinculadas as duas obras a um processo de construção de uma memória sobre a Revolução de Maio. Neste artigo, me deterei na reconstituição do percurso da formulação da proposta de investigação, destacando a fundamentação teórico-metodológica que a orientará, bem como aspectos que considero fundamentais da trajetória do padre jesuíta Guillermo Furlong.

2. O contato com as obras de Guillermo Furlong e a formulação de um projeto de pesquisa

Entre os meses de agosto de 2011 e novembro de 2013, atuei como bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, junto a dois diferentes projetos de pesquisa coordenados pela Prof^a Eliane Fleck. Até fevereiro de 2013, participei do Projeto intitulado *Medicina e Missão na América Meridional: epidemias, saberes e práticas de cura (séculos XVII e XVIII)*, no qual realizei um levantamento prosopográfico de jesuítas que atuaram como profissionais da cura na Província do Paraguai durante o período colonial. No Projeto ao qual me encontrei

* Belgrano estudou Direito na Espanha, onde acompanhou os acontecimentos da Revolução Francesa de 1789. Ao retornar à Argentina, foi nomeado secretário do Consulado de Buenos Aires. Participando da resistência contra a invasão inglesa de 1806, como capitão de milícias, foi um dos dirigentes da Revolução de Maio de 1810, compondo, também, a Junta de Governo que se formou em Buenos Aires no mesmo ano. Após fracasso militar frente aos exércitos metropolitanos vindos desde o Peru, foi destituído do comando das forças de guerra, sendo enviado em missão diplomática à Espanha para negociação da Independência. Antes de falecer, em meio à pobreza, ainda lutou por alguns anos frente às milícias revolucionárias.

** Militar e político argentino que presidiu a Primeira Junta de Governo, Saavedra iniciou sua carreira militar durante as invasões inglesas ao Rio da Prata. Sua adesão e participação decisivas na Revolução de Maio de 1810 foram recompensadas com sua nomeação para o cargo de Presidente da Primeira Junta, mas sua política conciliadora, afastada das ideias revolucionárias, acabou por suscitar denúncias de conspiração. Reintegrado ao cargo e às honras em 1818, regressou a Buenos Aires (após lutar no Alto Peru), sendo nomeado Chefe do Estado Maior do Exército. Em 1820, exilou-se em Montevidéu.

vinculada entre os meses de fevereiro e dezembro de 2013, intitulado *Uma ordem de homens de religião e de ciência: difusão, produção e circulação de saberes e práticas científicas pela Companhia de Jesus (América meridional, séculos XVII e XVIII)*, trabalhei com a reconstituição das trajetórias de vida e com a produção científica de jesuítas astrônomos.

Dentre os autores de referência para os subprojetos que desenvolvi, destaca-se o jesuíta argentino Guillermo Furlong (1889-1974), historiador profícuo da Companhia de Jesus, que se dedicou, sobretudo, à reconstituição e exaltação da atuação da ordem jesuíta na América, durante o período colonial, recorrendo aos *exempla vitae* de seus missionários. Esta característica de escrita de Furlong se impõe de forma tão significativa que optei por analisá-la em minha monografia de conclusão de curso, que se intitulou *De los insignes varones: ciência e santidade no discurso de Guillermo Furlong SJ*.

Foi ao realizar a revisão bibliográfica para a elaboração do anteprojeto desta monografia, que tomei contato com a produção de Furlong sobre os líderes da *Revolução de Maio*, ocorrida na Argentina, em 1810.* Tendo em vista a sua vasta e reconhecida produção sobre a Companhia de Jesus, chamou-me a atenção o interesse que o historiador jesuíta passou a ter nas biografias dos líderes revolucionários leigos da *Revolução de 1810*, sobretudo, após seu ingresso, em 1938, na *Academia Nacional de la Historia**. Pelo que pude constatar, em um levantamento preliminar, poucos são os trabalhos acadêmicos, tanto no Brasil, quanto na Argentina, que se detêm na análise da produção do historiador jesuíta sobre temas da história nacional argentina. Dentre os que localizamos, destacamos um artigo de Valentina Ayrolo, inserido na coletânea alusiva aos 400 anos da presença jesuítica na América Meridional, publicada em 2001, no qual a historiadora argentina afirma, referindo-se à obra *La revolución de Mayo, los sucesos, los hombres, las ideas* (1960), que “*a nuestro juicio,[es] una obra que dentro de la importantísima producción historiográfica de este autor, destaca especialmente el origen católico de la nación argentina*” (AYROLO, 2001, p. 47).

* Sobre a Revolução de Maio, ver os trabalhos de Halperin Donghi (1975), Lynch (1991) e Fradkin (2009).

* “La Academia Nacional de la Historia fue creada con la denominación de Junta de Numismática por el teniente general Bartolomé Mitre, padre de la historiografía argentina, y por otros destacados cultores de esa disciplina. [...] Cuando ya contaba con gran número de acuñaciones, publicaciones periódicas y diversos volúmenes sobre el pasado argentino, Levene obtuvo en 1938 su cambio de denominación por el de Academia Nacional de la Historia.” (LEVENE, 1937, p. 7-8).

Cabe ressaltar, que as obras que me proponho a analisar não foram produzidas em datas comemorativas, como o Sesquicentenário dos acontecimentos de maio (1960), e que entre a publicação mais antiga (*Bio-bibliografía del Deán Funes*, de 1939) e a mais recente (*Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina*, de 1979), se passaram quatro décadas. Assim, acredito que a execução deste anteprojeto de dissertação poderá contribuir tanto para os estudos que tematizam a produção historiográfica argentina do século XX, quanto daqueles que se dedicam à análise deste evento fundante da nação argentina e, em especial, do papel que nele desempenharam leigos e o clero católico.

Uma análise das obras de Guillermo Furlong sobre a *Revolução de Maio*, à luz do contexto historiográfico no qual ele se encontrava inserido ao produzi-las, permitirá, ainda, a identificação das suas motivações para a escrita das biografias dos principais líderes revolucionários, ampliando e, conseqüentemente, complexificando os estudos já realizados sobre a trajetória e sobre a produção intelectual deste historiador jesuíta.

Torna-se, em razão disso, fundamental pensar em Furlong como um intelectual, considerando a rede de contatos que construiu, sobretudo, com políticos e historiadores não religiosos, bem como sua inserção em instituições acadêmico-científicas, como a *Academia Nacional de la Historia*, que possibilitaram o reconhecimento de sua produção historiográfica fora dos marcos da Companhia de Jesus.

3. A trajetória de Guillermo Furlong SJ

Sabe-se que nos anos iniciais do século XX, a historiografia argentina procurou responder a algumas demandas que, no contexto ocidental, tinham se tornado importantes já no século XIX, tais como a da profissionalização do ofício de historiador. Segundo José D'Assunção Barros, era comum, neste período, que os historiadores não tivessem uma formação acadêmica específica na área, sendo, na maioria das vezes, sábios eruditos que possuíam vários interesses e que acabavam por se tornar o que Devoto e Pagano (2009) denominam “polígrafos”, ou seja, estudiosos com vasta produção sobre diversos temas. Esta historiografia

apresentava ou apresentou muitos objetivos e funções nas suas várias formas e contextos sociais. “Evitar o esquecimento”, “ensinar à vida” (*historia vitae magistra*), “glorificar povos e nações”. [...] Ainda não se tratava aqui, contudo, de buscar a verdade definindo-se critérios de objetividade específicos, metodicamente, no enquadramento de uma racionalidade científica que só se tornaria possível a partir da segunda metade do século XVIII para o que concerne às ciências da sociedade. (BARROS, 2011, p. 29)

Ainda no século XIX, a historiografia deixou de ser a prática narrativa e literária dos eruditos, em nome de um maior rigor metodológico e objetividade:

A Historiografia passa a ser entendida cada vez mais como “forma de conhecimento” (e não mais como mero meio pragmático ou voltado para o aprimoramento ético). Como nova forma de conhecimento a ser cuidadosamente definida em suas especificidades, a principal estratégia cognitiva da historiografia para lidar com a experiência do passado deverá ser necessariamente a “racionalidade do método”. Surgirá aqui, concomitantemente, um novo conceito importante para ser considerado no âmbito dos procedimentos metodológicos da historiografia: a “objetividade”. (BARROS, 2011, p. 35)

No caso argentino, os historiadores do início do século XX – dotados de formação acadêmica e atuando nas universidades – procuraram empreender uma reescrita da história argentina, afastando-se do positivismo, até então em voga. Formou-se, assim, um grupo de historiadores que tinha entre seus principais expoentes Ricardo Levene* e Emilio Ravignani**. Este grupo tinha apreço pelo rigor metodológico (considerado mais racional e mais científico), repudiando os relatos dos denominados polígrafos e condenando as insuficiências conceituais e metodológicas dos mesmos. Estes autores se dedicaram basicamente a estudos de história econômica, com ênfase no período colonial argentino, particularmente, sobre a

* O argentino Ricardo Levene (1885-1959) foi historiador e jurista, tendo exercido diversos cargos, como o de presidente da Academia Nacional de la Historia, por cerca de três décadas, em mandatos não consecutivos. Entre suas principais obras estão *Introducción a la historia del derecho indiano* (1924), *Lecciones de historia argentina* (1924) y, sobre todo, *Historia del derecho argentino* (1945).

** Emilio Ravignani (1886-1954) foi historiador, especialista em História do Direito, sendo conhecido por sua carreira acadêmica. “*Toda la fértil carrera académica de Ravignani estuvo acompañada de una posición de compromiso político, ya desde que en su época de estudiante se hubiese afiliado a la Unión Cívica Radical. Entre 1922 y 1927 fue subsecretario de Hacienda de Buenos Aires, así como diputado del Congreso Nacional Argentino en tres ocasiones distintas (1936-1940, 1940-1943 y 1946-1950).*” (RUIZA, 2013, s/p). Entre suas principais obras, estão: *Historia Constitucional de la República Argentina* (tres volúmenes, 1926-1930) e *El Virreinato del Río de la Plata. Su formación histórica e institucional* (1938).

fase de Vice-reino, concentrando, também, esforços na reunião e publicação de fundos documentais, como os *Documentos para la história argentina* (coleção iniciada em 1913).

Este grupo de historiadores organizou, ainda, o II Congreso Internacional de Historia de América, ocorrido em 1937, em Buenos Aires. Foi no ano seguinte a este congresso que Guillermo Furlong SJ ingressou na Academia Nacional de la Historia (ANH), tendo sido apresentado por Enrique Udaondo**, que já era membro da instituição. Ricardo Levene foi presidente da ANH de 1934 a 1953, já Emilio Ravignani foi, durante este mesmo período, secretário desta instituição. É interessante notar que antes de seu ingresso na Academia, Furlong já mantinha contato com Ravignani, sendo que, em algumas ocasiões, teve autorização para pesquisar nos arquivos pessoais que ele mantinha.

Furlong era filho de imigrantes irlandeses e ingressou na Companhia de Jesus aos 13 anos de idade, em 1903. Em meados de 1905, foi enviado por seus superiores à Espanha para dar continuidade a sua formação. Após estudar por um ano em Gandía, o jesuíta argentino dirigiu-se ao antigo mosteiro de Veruela, na província de Aragão. Lá, ao mesmo tempo em que lia e estudava os autores clássicos, Furlong passou a ter algumas lições de metodologia*** e paleografia. Em 1910, iniciou seus estudos de Filosofia, desta vez, em Tolosa (MAYOCHI, 2009) e, um ano mais tarde, foi enviado aos Estados Unidos, para o Woodstock College, anexo à Universidade de Georgetown, onde, em 1913, obteve seu PhD, e teve a oportunidade de entrar em contato com a escrita de biografias como a *Life of Samuel Johnson* (1787), de James Boswell, o que pode ter despertado seu interesse posterior pelo gênero (PADILLA, 1979, 73).

Em meados de 1913, Guillermo Furlong retornou à Argentina. No mesmo ano, além de passar a lecionar nos Colégios da Companhia de Jesus em Buenos Aires – ofício que exercerá até sua morte em 1969 – o jesuíta argentino iniciou suas funções como historiador da Companhia de Jesus. Segundo Geoghegan (1979), Furlong passou a frequentar o *Archivo*

** O argentino Enrique Udaondo (1880-1962) foi historiador, presidiu o Museu Histórico de Luján e foi membro da Academia Nacional de la Historia.

*** Considerando o contexto de produção dos textos de Mayoichi (1979) e de Geoghegan (1979) e o fato de que O’Callaghan atuava como arquivista, pode-se supor que a palavra metodologia foi empregada para definir a forma de lidar com documentos e manuscritos visando à escrita de obras históricas.

*General de la Nación**, o *Museo Mitre*** e algumas bibliotecas privadas (Geoghegan, 1979; Mayochi, 2009), ocasião em que conheceu o historiador Enrique Peña***.

O senhor Peña foi quem orientou definitivamente ao padre Furlong para a investigação histórica, presenteando-lhe com o seguinte conselho: ‘Não leia livro algum de história, mas opte por uma linha de pesquisa, uma série de temas afins, e frequente o Archivo General de la Nación em busca de materiais sobre estes temas e lhe asseguro que, passados dez ou quinze anos, ficará assombrado com o material que terá reunido...’ (GEOGHEGAN, 1979, p. 36, tradução minha).

Em 1920, Furlong retornou à Espanha, para a conclusão dos seus estudos de Teologia, tendo sido enviado ao Colegio Máximo de Sarriá, em Barcelona. De acordo com Mayochi (2009), já neste período, Furlong manifestava forte interesse na história da América platina do período colonial. Em 1924, após receber a ordenação sacerdotal, retornou à Argentina e a sua atuação como professor das disciplinas de Literatura castelhana, Apologética, História argentina, Instrução cívica e Inglês.

Em 1929, publicou seu primeiro livro sobre temas históricos, intitulado *Glorias Santafesinas*, que versa sobre a história da Argentina colonial. A quantidade de documentos e informações que conseguiu reunir em suas visitas realizadas a arquivos e bibliotecas argentinas e europeias possibilitou também a escrita de diversos artigos, muitos deles publicados na revista *Estudios*, da Academia Literaria del Plata e da Universidad del Salvador, de Buenos Aires. Estes textos versaram, em sua maioria, sobre a história da Companhia de Jesus na América Meridional, sendo que, em vários deles, Furlong se aproximou do gênero biográfico.

Fato curioso na trajetória de Guillermo Furlong SJ é que as obras que procuro analisar, intituladas *Belgrano: el santo de la espada y de la pluma* (1974) e *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979) são, a primeira, uma publicação realizada no último ano de vida

* O Archivo General de la Nación foi fundado em 1821 e tem por objetivo de “*Reunir, conservar y tener disponible para su consulta o utilización la documentación escrita, fotográfica, filmica, videográfica, sónica y legible por máquina, que interese al país como testimonio acerca de su ser y acontecer, sea ella producida en forma oficial, adquirida o donada por instituciones privadas o particulares.*” (AGN, 2013, s/p).

** Instituição dedicada à memória de Bartolomé Mitre (1821-1906), ex-presidente argentino, e que tem por objetivo a conservação e exibição de coleções documentais e bibliográficas pertencentes ao político. (MUSEO MITRE, s/d, p. 1)

*** Historiador argentino e presidente da Academia Nacional de la Historia Argentina, entre os anos de 1906 e 1915.

do historiador argentino, que faleceu em 1974 e, a segunda, uma publicação póstuma. Ainda no caso da segunda obra, esta origina-se de uma conferência pronunciada por ocasião das comemorações do sesquicentenário da Revolução de Maio, no ano de 1960. Assim, deve-se procurar pensar, além da formação e da rede de relações traçada pelo historiador durante sua atuação, na bagagem de conhecimento acumulada com as experiências de vida, e, também, no período em que as obras estão sendo escritas e publicadas, que coincide com os longos anos de sucessivos golpes militares na segunda metade do século XX.

As obras que viria a escrever sobre os líderes da *Revolução de Maio* evocariam, em grande medida, as incursões que Furlong havia feito na reconstituição das trajetórias de alguns missionários jesuítas, como Segismundo Asperger e Heinrich Peschke, que mereceram especial atenção do historiador da Companhia de Jesus por suas virtudes morais. Nos textos que escreveu sobre Manuel Belgrano (1770-1820) e Cornelio Saavedra (1761-1829), constata-se a preocupação que Furlong tem de apresentá-los como exemplos a serem seguidos, como fica evidenciado no trecho transcrito abaixo:

Hubo también entre nosotros, no tan solo uno, sino tres varones máximos que se hicieron acreedores a igual elogio, en cuanto a los tres incisos del mismo: **Saavedra, Belgrano, San Martín**. Pero si el héroe de Tucumán y el de Maipú, **cada uno a su manera, fue el primero en la guerra, el primero en la paz, y el primero en el corazón de sus conciudadanos**, esto postrero, por razones menguadas, no se otorgó al que fue, a la par de Liniers, **el primero en la lucha contra los invasores británicos, y al que, frente al pueblo bonaerense, fue el numen y el nomen en los días de Mayo, y fue la encarnación de los ideales de la revolución y fue el alma grande y firme, luminosa y con intuiciones de la más fina política, en la Primera Junta**. (FURLONG, 1979, p. 15, grifos meus).

Outro aspecto que me chamou a atenção foi o esforço de Furlong em salientar evidências da fé católica no comportamento e nas atitudes dos biografados, como no caso de Belgrano, onde a palavra *santo** aparece logo no título da obra, o que divide espaço com a pluma, ou seja, com o pensamento de um homem como este que, como advogado e componente da Junta de Governo estabelecida em maio de 1810, uma das tantas fórmulas de governo

* *Belgrano: el santo de la espada y le la pluma* (1974).

História Biográfica experimentadas pelos revolucionários, foi uma das cabeças pensantes do posterior processo independentista da região do Rio da Prata.

4. Constituição de um marco teórico-metodológico: Memória e História Intelectual na análise das obras de Guillermo Furlong SJ

A investigação sobre a produção de Guillermo Furlong SJ acerca da Revolução de Maio se inspira nos estudos de, sobretudo, nos que vêm sendo feitos por autores como Sabina Loriga e François Dosse*. Em primeiro lugar, ambos os historiadores questionam as críticas feitas por Pierre Bourdieu ao método biográfico. Segundo esse autor, muitos historiadores seguem um modelo em que o biografado possui uma carreira inteligível, com um início, um meio e um fim, sendo que não são levadas em consideração as vicissitudes e as tomadas de decisão consideradas inesperadas em um roteiro linear.

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial –, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da *confidência* que prevalece nesses mercados protegidos. (BOURDIEU, 1996, p. 188).

Segundo Loriga e Dosse, “Bourdieu [...] só vê a possibilidade de abarcar a trajetória individual atrelada ao percurso dos outros agentes, que participaram de fatos similares, nos mesmos espaços de sociabilidade” (SOLANO, 2010, p. 6). Neste sentido, Loriga lembra que o sociólogo considera que existe apenas um tipo de biografia, sendo que, na realidade, a escrita biográfica pode dar-se de várias formas, sem a necessidade de um relato linear, e que podemos encontrar exemplos disso em obras de intelectuais do século XIX, como Thomas Carlyle, Jacob Burckhardt e Hippolyte Tayne, que priorizarão determinados aspectos das trajetórias de seus biografados, fugindo, assim, do modelo preconizado por Bourdieu.

* No Brasil, dentre os autores que vêm refletindo sobre a escrita biográfica, gostaria de destacar o historiador gaúcho Benito Schmidt, que caracteriza a biografia como a reconstrução da “trajetória” ou da “carreira” do indivíduo. Sobre o tema, ver Schmidt (1997; 2004).

A partir do diálogo com estes autores, pretendo analisar de que forma Furlong concebe o texto biográfico, refletindo sobre o uso que faz de suas fontes, quais aspectos são privilegiados, se há uma narrativa linear ou se o autor se utiliza de outra forma de exposição das carreiras de seus biografados. No âmbito da escrita, considero importante, também, uma discussão com os trabalhos de Michel de Certeau, principalmente o texto intitulado *A operação historiográfica*, presente na obra *A escrita da história*. Segundo este autor, o discurso histórico é composto por um *lugar social* do historiador, o qual, geralmente, está vinculado a instituições ou grupos, o que o condiciona a seguir determinadas regras de análise e publicação; uma *prática*, caracterizada pelo uso que faz dos documentos, desde sua seleção, até sua leitura e sua crítica, sendo esta existente ou não; uma *escrita*, ou seja, a composição de um determinado tipo de texto que estará vinculado ao *lugar social* e à *prática historiográfica*.

Pensando nos personagens biografados por Furlong, acredito que é necessário refletir sobre a memória que construiu – em seus livros e artigos – sobre a *Revolução de Maio*, apoiando-me, para tanto, nos trabalhos de Michel Pollack, Joël Candau e Fernando Catroga. Para a reflexão, proponho o emprego do conceito de memória na acepção dada por Candau (2012, p. 9), para quem

a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: “a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele”. A ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade parece “insustentável”.

Nesta definição, a memória é entendida como uma construção, havendo, em razão disso, uma seleção daquilo que será rememorado. Neste sentido, a memória não valoriza o fato em si, mas a representação, o significado que o mesmo tem para a sociedade em questão e poderá ter para as próximas gerações*. Embora o grupo de indivíduos seja mutável, dada a condição da existência humana, as representações acerca dos fatos vividos podem ser

* Candau (2012) refere dois tipos de memória: a primeira corresponde à lembrança acerca do fato em si, que é compartilhada por todos; a segunda constitui-se da representação acerca do fato, que é individual; é de acordo com esta segunda definição que penso a palavra memória

compartilhadas, repassadas de geração em geração e, perpetuadas, estando sempre mediadas pelo ambiente cultural e social às quais se encontram vinculadas (CANDAU, 2012).

Tomando estes referenciais teóricos, entendo o processo de construção de memória sobre a *Revolução de Maio* como uma seleção de representações acerca de fatos, vividos ou não, e que foram destacadas e transmitidas de acordo com parâmetros predefinidos acerca daquilo que deve ser rememorado, garantindo, assim, a perenidade de um discurso sobre a “realidade”. Como bem observado por Pollak, esta seleção de fatos atende aos objetivos das sociedades e de instituições que, visando perpetuar-se no imaginário e na memória, constroem representações acerca de si mesmas, pois

[...] nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento alimenta-se de referências culturais, literárias e religiosas (POLLAK, 1989, p. 11).

Refletindo sobre a ação da memória no processo de escrita da história nacional, Catroga aponta que o século XIX assiste a um grande surto historiográfico, com o reconhecimento do valor social e político da investigação, além do “ensino e popularização de interpretações do passado legitimadoras do presente, assim como assim como na institucionalização de práticas simbólicas postas ao serviço da sacralização cívica do *tempo* (comemorações) e do *espaço* (novos “lugares de memória”)” (CATROGA, 2001, p. 60). Esta história “ensinável” auxilia no enraizamento e na construção de novas memórias, podendo, neste sentido, utilizar-se de personagens da história nacional, como os líderes da Revolução de Maio argentina, para estabelecer um vínculo entre o passado e o presente.

Aqui torna-se, também, interessante assinalar a importância do conceito de *Historia Magistra Vitae* que tem por característica básica a exemplaridade, se constituindo em um tipo de história que busca no passado os referenciais de atuação dos grandes homens do futuro. Neste sentido, cabe pensar a “função social que os gregos atribuíam à escrita da história” (CATROGA, 2006, p. 13).

Esta devia ser bela e pragmática, dado que os ritmos da vida poderiam vir a repetir-se. Mas, enquanto “arte de memória”, e protesto contra a mortalidade a que estavam sujeitos os dizeres e as obras humanas, ela também era

monumento, isto é, um garante da vitória sobre o esquecimento. E estas funções já se encontram presentes em Heródoto, que, com intenções de imparcialidade, escreveu as suas *Histórias* “para que os feitos dos homens não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes empresas, realizadas quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros”. (CATROGA, 2006, p. 13-14, grifos do autor).

A *Historia Magistra Vitae*, assim, se constituiria em uma história ensinável e útil para a disseminação do patriotismo que enseja a busca pela rememoração dos feitos dos grandes homens.

Neste horizonte, não espanta a vocação pedagógica (e cívica) da nova literatura historiográfica: ela contava o que já foi, com o fito de lembrar, à luz dos ritmos cíclicos, ou da repetição do que é característico da natureza humana, o que poderá vir a acontecer, mostrando que, não obstante ao homem só ser dada uma pequena margem para fugir ao destino, a *tikê* não conduziria ao fatalismo absoluto, e o fado, que preside à vida humana, só teria um poder destruidor, porque, tal como se mostrava na tragédia, o homem é habitualmente cego em relação aos seus ditames, não sabendo formular as opiniões correctas que, sem se cair na *hybris*, permitem evitar os seus golpes decisivos. (CATROGA, 2006, p. 14, grifos do autor).

Levando em consideração a trajetória intelectual de Guillermo Furlong, o conceito de *Historia Magistra Vitae* dá conta de explicar as motivações da escrita biográfica do historiador argentino: uma formação clássica, o contato com as biografias etc, o alto nível de oratória exigido em ocasiões como uma conferência, onde podemos tomar como exemplo a obra *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina* (1979), a qual surgiu da publicação de uma fala sua, rememorando grandes acontecimentos e construindo, assim, uma memória sobre o surgimento da nação argentina.

Penso, também, que os trabalhos inspirados em referenciais teóricos e metodológicos da História Intelectual, tais como os produzidos por Ângela de Castro Gomes, Rebeca Gontijo, José Murilo de Carvalho e Carlos Altamirano, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento do presente projeto. Segundo Carvalho, os historiadores brasileiros* que se dedicam a estudos de História Intelectual optam por duas abordagens distintas: a) uma

* No caso argentino, os principais historiadores que vêm trabalhando com História intelectual são Carlos Altamirano e Oscar Terán, relacionados na Bibliografia, ao final do projeto. Enquanto o primeiro, se detém mais em questões teóricas e metodológicas, o segundo possui um trabalho recente intitulado *Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales* (2012), onde procura traçar um panorama das principais correntes historiográficas na Argentina abarcando desde o final do século XVIII até os dias de hoje.

grande preocupação com o pensador estudado, supondo-se que seria possível interpretar com exatidão suas ideias, sendo que havia apenas um pequeno esforço de situá-lo no seu contexto; b) não se preocupam com os autores isolados, mas, sim, com um grupo dos mesmos, procurando “identificar famílias intelectuais construídas em torno de certas correntes de pensamento. [...] Nessas histórias, os pensadores eram agrupados e se discutiam seus pontos de coincidência e de desacordo, estabelecendo-se certa intertextualidade.” (CARVALHO, 2000, p. 123).

Já Altamirano, propõe que os historiadores se preocupem com o contexto de produção das obras que pretendem analisar, acrescentando que se a intenção é a compreensão das ideias do pensador biografado, deve-se realizar um estudo sistemático de interpretação dos textos.

para **estabelecer o sentido intelectual dos textos** (ou os sentidos, caso se prefira) **não basta vinculá-los ao campo da ação** ou, como se costuma dizer, a seu contexto. **Associá-los a seu “exterior”, a suas condições pragmáticas, contribui sem dúvida para sua compreensão, mas não evita o trabalho de leitura interna ou da correspondente interpretação**, mesmo se os considerarmos documentos da História política e social. (ALTAMIRANO, 2007, p. 14, grifos meus)

A proposição de inserir Furlong no contexto historiográfico argentino do século XX e em um projeto de construção de identidade nacional em curso neste mesmo período deverá, por isso, considerar “como adverte Jacques Julliard, [que] as idéias não ‘circulam’ elas mesmas pelas ruas; elas estão sendo portadas por homens que fazem parte de grupos sociais organizados.” (GOMES, 1993, p. 63). Acredito que a análise das obras produzidas pelo historiador jesuíta, sob esta perspectiva, permitirá inseri-lo numa comunidade de intelectuais argentinos, com os quais estabeleceu diálogo ou entrou em desacordo, por suas opções teóricas e políticas, auxiliando-nos na compreensão do investimento que o historiador jesuíta fez na história nacional argentina nas décadas de 30, 60 e 70 do século XX.

Os trabalhos de Jean François Sirinelli, com certeza, muito poderão contribuir para a identificação e para a compreensão dos sentidos/significados assumidos tanto pelas posições que Guillermo Furlong veio a ocupar em instituições acadêmico-científicas argentinas, quanto daquelas enunciadas em sua produção historiográfica. Será preciso, por isso, considerar também a constituição das “lentes” do intelectual, a fim de que se possa compreender em

maior profundidade o seu discurso. Os paradigmas – a forma de ver e pensar o mundo – se constroem de maneiras absolutamente variáveis e num somatório de todas as experiências de vida do indivíduo humano, que incluem a cultura em que o intelectual viveu desde a sua infância, o acesso e o tipo de educação formal recebida, a rede de intelectuais da qual faz parte (SIRINELLI, 1996, p. 248-256).

5. Considerações finais:

O presente trabalho, que apresentou alguns aspectos do meu projeto de dissertação de Mestrado, priorizou a descrição do problema de pesquisa e do referencial teórico-metodológico que adotaremos para a análise de duas biografias de próceres da Revolução de Maio – as de Manuel Belgrano e Cornelio Saavedra –, escritas pelo historiador jesuíta Guillermo Furlong na década de setenta do século XX. O aporte teórico-metodológico da História Intelectual será adotado para a apreensão da dinâmica que envolve a trajetória do autor e a escrita da obra, justificando, assim, sua utilização como ferramenta de análise. Já os conceitos de memória e de *Historia Magistra Vitae* contribuirão para a percepção da maneira como Furlong entendia o texto biográfico e sua importância para a construção de uma memória sobre o século XIX.

Tanto a reconstituição da trajetória intelectual de Furlong, considerando aspectos como sua formação, as redes sociais que estabeleceu, quanto do contexto historiográfico no qual se encontrava inserido quando se dedicou à escrita destas duas obras serão fundamentais para a identificação e análise das razões de sua incursão na produção de biografias de não jesuítas e sua estreita relação com um processo de construção de uma memória sobre a Revolução de Maio de 1810.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de História Intelectual, **Tempo Social**, Vol. 19, Nº 1, 2007, p. 9-17.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. **Funciones**. Disponível em: <http://www.mininterio>

r.gov.ar/archivo/mision.php?idName=arc&idNameSubMenuDerPrincipal=arcMision&idNameSubMenu=&idNameSubMenuDer=arcMision. Acesso em: 18/11/2013.

AYROLO, Valentina. El Padre Guillermo Furlong, historiador. In: **Jesuitas 400 años en Córdoba**: congreso internacional, 21 al 24 de setiembre de 1999, sede: Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad Nacional de Córdoba, Volume 1, p. 47-58.

BARROS, José D'Assunção. Da História pré-científica à constituição de uma nova matriz disciplinar: algumas considerações, **Recôncavo**, Nº 1, Ago/Dez de 2011, p. 20-43.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

BUSHNELL, David. La independencia de la América del Sur española. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Historia de América Latina*. (Vol. 5 – La independencia). Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 75-123.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura, **Topoi**, Rio de Janeiro, Nº 1, 2000, p. 123-152.

CATTARUZZA, Alejandro. La historia y la profesión de historiador en la Argentina de entreguerras, **Saber y Tiempo**, Nº 12, 2001, p. 107-139.

CATROGA, Fernando. Ainda será a História Mestra da Vida?, **Estudos Ibero-americanos**, núm. 2, 2006, p. 7-34.

_____. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001, p. 43-69.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense. 2011.

DEVOTO, Fernando. Idea de Nación, Inmigración y “cuestión social” en la historiografía académica y en los libros de texto de Argentina (1912-1974), **Estudios Sociales**, Nº 3, Jul/Dez de 1992, p. 9-30.

DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. *Historia de la historiografía argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

FALCON, Francisco. História das Idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FRADKÍN, Raúl Osvaldo; GARAVAGLIA, Juan Carlos. **La argentina colonial**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

FRADKÍN, Raúl Osvaldo; GELMAN, Jorge (Org.). **Doscientos años pensando la Revolución de Mayo**. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. Vol. 6, Nº 2, 1993, p. 62-77.

HALPERIN DONGHI, Tulio. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 167-182.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-250.

LYNCH, John. Los orígenes de la independencia hispanoamericana. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. (Vol. 5 – La independencia). Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 1-40.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 2, Nº 3, 1989, p. 3-15.

RUIZA, Miguel, et all. **Biografías y Vidas**. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/>. Acesado em: 22/07/2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica, **Métis: história & cultura**, Vol. 2, Nº 3, Jan/Jun de 2003, p. 11-22.

SOLANO, Francisco Alexandre. A biografia desafiada: os contornos de uma vida por François Dosse, **Fênix**, Vol. 7, Nº 2, Maio/Agosto de 2010, p. 1-10.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org). **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. c. 8, p. 231-269.

SOUZA, Adriana; LOPES, Fábio. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema, **História da historiografia**, Nº 9, Agosto de 2012, p. 26-37.

TERÁN, Oscar. **Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales, 1810-1980**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

FONTES

AVILA, Luis. Homenaje al padre Guillermo Furlong S.J., **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 139-148.

BUONOCORE, Domingo. Algo acerca de Guillermo Furlong S.J. como bibliógrafo y bibliófilo, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 103-110.

FURLONG, Guillermo. *Bio-bibliografía del Deán Funes*. Córdoba: Imprenta de la Universidad, 1939.

_____. *Belgrano: el santo de la espada y de la pluma*. Buenos Aires: Asociación Cultural Noel y Club de Lectores, 1974.

_____. *Cornelio Saavedra: padre de la patria argentina*. Buenos Aires: Ministerio de Cultura y Educación de la Nación, 1979.

_____. *El general San Martín: ¿masón-católico-deísta?* Buenos Aires: Theoría, 1963.

GANDÍA, Enrique de. Guillermo Furlong, académico de la Historia, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 65-72.

GEOGHEGAN, Abel Rodolfo. Apuntes para una biografía de Guillermo Furlong, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 31-42.

MAYOCHI, Enrique Mario. El hombre, el sacerdote, el historiador, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 43-56.

_____. **Guillermo Furlong Cardiff**. Buenos Aires: Junta de Historia Eclesiástica Argentina, 2009.

OBERTI, Federico. La biblioteca del P. Furlong. **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 149-152.

PADILLA, Ernesto E. Una especialidad: las biografías. **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 73-76.

SIERRA, Vicente D. Furlong, el hombre, **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 61-64.

SOJO, José Antonio. Guillermo Furlong S.J., **Archivum**, Buenos Aires, v. 13, 1979, p. 57-60.